

Livro revela Lobato jovem e apaixonado

Fotos: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio/CEDAE

De uns anos para cá Monteiro Lobato vem atraindo a atenção de pesquisadores, agregando-se à sua popularidade estudos sobre a originalidade e pluralidade de sua contribuição à cultura brasileira. Como parte da celebração do Ano 40 da Unicamp, o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) promove a “I Jornada Lobatiana – avaliação e perspectivas de pesquisa sobre Monteiro Lobato”, nos dias 17 e 18 de abril. O evento inclui a inauguração de uma homepage (www.unicamp.br/iel/monteirolobato), uma

Evento na Unicamp inclui nova homepage e seminário

exposição de documentos inéditos que ficarão expostos por 15 dias no saguão da Diretoria do IEL e no saguão da Biblioteca Central, e o lançamento de um livro, *Quando o carteiro chegou...* (Editora Moderna).

A professora Marisa Lajolo, do IEL, está à frente de todo o evento e também organizou o livro que reproduz os postais que Lobato enviou à noiva Maria Pureza Natividade, a Purezinha, com quem ele se casou em 1908. Nesta entrevista ao *Jornal da Unicamp*, a professora dá detalhes sobre o que está reservado aos leitores do escritor.

Jornal da Unicamp – *Sobre Quando o carteiro chegou, o que há de tão peculiar na correspondência trocada entre Lobato e Purezinha, sua noiva, a ponto de justificar um livro?*

Marisa Lajolo – O livro é muito original, constituído por 31 lindos cartões postais, que recobrem um período dois anos, de 1906 a 1908. Na época era moda colecionar e trocar cartões postais e Lobato e sua noiva parecem ter feito parte da tribo de colecionadores. A publicação deste livro lança luz sobre um Lobato desconhecido do público: um jovem (ele nasceu em 1882) flagrado em seu perfil de noivo apaixonado, ansioso pelo casamento. Nesta correspondência, o leitor também ganha acesso a cenários da vida cotidiana de um homem solteiro no interior paulista no começo do século 20: festas, figuras, fofocas, meios de transporte. Lobato tinha sido nomeado promotor público de Areias e esse cargo – numa cidade pacata – lhe dava muito tempo para caprichar nas mensagens para a noiva.

JU – *Como foi a produção do livro?*

Marisa Lajolo – O livro tem uma edição muito requintada. Formato grande, páginas coloridas, textos de introdução que contextualizam seus conteúdos. Os postais são reproduzidos em quatro cores, direitinho como Purezinha os recebeu há um século atrás. Além disso, as mensagens dos postais, manuscritas na (às vezes) difícil caligrafia do escritor, são também transcritas. No mesmo sentido, rodapés explicam elementos do texto e dos cartões que talvez tenham se tornado meio difíceis para leitores de hoje.

JU – *Se Lobato era jovem, o público alvo é o jovem?*

Marisa Lajolo – Todo mundo. Os mais diferentes tipos de leitores encontrarão neste livro algo que lhes fale ao coração. Os leitores de Lobato



Segundo a professora Marisa Lajolo (abaixo), Purezinha e Lobato seguiam a moda de colecionar e trocar cartões postais



Foto: Arquivo/Antoninho Perri



– que são muitíssimos – encontrarão uma outra faceta de seu escritor preferido. Já quem não sabe quem foi Monteiro Lobato encontrará o saboroso documento de uma relação amorosa vivida há um século. Pesquisadores encontrarão material muito interessante sobre modos de escrita da época, vida cotidiana no interior paulista, práticas epistolares. O livro pretende circular também entre aqueles leitores para os quais Lobato é apenas uma referência televisiva. A linguagem das introduções e rodapés é extremamente simples. Quem sabe, através deste Lobato epistolar os jovens redescobrem o Lobato escritor?

JU – *A exposição que acompanha o evento inclui a imagem de uma página de um caderno de receitas de Purezinha, a esposa de Lobato.*

Marisa Lajolo – Este caderno de receitas é um dos objetos mais originais dentre os muitos documentos que os herdeiros do escritor depositaram na Unicamp. É um caderno bonito, de capa dura recoberta de tecido vermelho, folhas com molduras e que registra – em letra manuscrita, com caneta tinteiro – centenas de receitas daquela época. Na primeira página, Purezinha conta que algumas das receitas foram copiadas por Lobato “para ajudar”. Não é bonita a idéia de um marido que se esforça por compartilhar o cotidiano da esposa? Nas receitas que Lobato copiou, ele geralmente acrescenta uma gracinha, como por exemplo comentar a excelência do resultado final. Mas além de copiar receitas, Lobato também “ilustrou” o caderno: a exposição reproduz a cena de cozinha que ele desenhou na abertura do caderno.

JU – *Esta “I Jornada lobatiana” também marca o lançamento de uma homepage do escritor. O que há de novidade nesta homepage, já que Monteiro Lobato já dispõe de uma visitadíssima página na internet, onde internautas podem, inclusive corresponder-se com suas famosas personagens?*

cumentos inéditos, é possível que a Unicamp esteja se aliando a projetos em curso no mundo todo, que propõem a utilização da internet para facilitar o acesso à documentação cultural. Tradicionalmente, o acesso a manuscritos e a documentos mais raros é restrito a pesquisadores que têm condições de deslocamento e de permanência prolongada em lugares diferentes de suas instituições de origem.

JU – *Mas se o objetivo é disponibilizar documentos, por que a homepage apresenta apenas parte do material existente no Cedae?*

Marisa Lajolo – Divulgação de documentos pessoais é matéria de legislação. Para divulgá-los, é sempre necessário autorização das pessoas neles mencionadas, ou de seus herdeiros. Decidimos pôr no ar documentos de que dispomos que são assinados por Lobato e/ou por seus familiares. Sobre estes documentos a família tem jurisdição e autorizou a divulgação. Estamos nos esforçando para conseguir autorização junto aos titulares dos direitos dos outros documentos todos. Há também documentos lobatianos extremamente importantes em outras instituições brasileiras e podemos imaginar que esta homepage é o passo inicial de mapearmos exaustivamente onde se encontra cada documento para, num segundo momento, termos toda a documentação on-line, independente da instituição onde – no suporte papel – encontra-se cada documento.

JU – *O que será discutido na “I Jornada lobatiana” do IEL?*

Marisa Lajolo – A jornada pretende tanto discutir o uso nos estudos literários de bancos de dados informatizados, quanto trocar experiências entre pesquisadores que trabalham com Monteiro Lobato. Trata-se de um evento de pequena dimensão, sem público, que permitirá a pesquisadores que estão, por assim dizer com a mão na massa, entabularem um diálogo profundo sobre as questões com as quais se deparam em sua pesquisa.



Cartas

■ Gripe aviária

É realmente desconcertante o destino de recursos para a pesquisa sem um bom embasamento teórico (ou a necessidade de autopromoção de alguns pesquisadores): sim, diversas aves que se reproduzem na Antártica deslocam-se durante o rigor do inverno austral para regiões mais ao norte, permanecendo durante este período em alto mar e águas da plataforma continental. Várias destas aves aparecem mortas ao longo do litoral brasileiro em decorrência principalmente de tempestades ou fenômenos semelhantes em alto mar.

No entanto, é importante lembrar: não há sequer sombra de contaminação como o vírus H5N1 na Antártica (requisito básico para que aves oriundas deste continente pudessem disseminar a doença para o Brasil). Esta falta de confirmação da doença seria devido a ausência de um inquérito? Ou ao fato de que nenhuma ave que se reproduz na Antártica utilize alguma das áreas contaminadas pelo H5N1 (por exemplo, Europa, Sudeste Asiático e Oriente Médio), para então retornar à sua origem e contaminar o restante de sua população?

E em segundo lugar, as aves da Antártica que chegam ao solo brasileiro literalmente “morrem na praia”, ou seja, não costumam frequentar a costa brasileira (somente águas da plataforma continental). Desta forma, jamais alcançariam áreas próximas a criações de aves, onde o confinamento, a alta densidade e a homogeneidade genética tornam muito fácil o alastramento da doença.

Carmem Elisa Fedrizzi,
bióloga, Laboratório de Elasmobrânquios e Aves Marinhas

* **Resposta** – O que mais almejam os integrantes do Plano Emergencial de Monitoramento da Influenza Aviária é retornar da Antártica com uma resposta negativa ao inquérito de H5N1 em aves migratórias. Entretanto, para dar tranquilidade à sociedade, às autoridades e a toda a cadeia produtiva do maior exportador de frangos do mundo, uma resposta baseada em presunções não é suficiente. É necessária uma investigação científica.

O ambiente antártico reúne características excepcionais para a transmissão do vírus. As altas densidades das aves em suas colônias, as baixas temperaturas e a convergência de rotas migratórias vindas de diversas partes do globo levaram os pesquisadores da Divisão Antártica da Austrália a elegerem vírus (IA e Newcastle) como o maior risco à saúde da fauna antártica no momento.

No ano passado, Elsa Baumeister, pesquisadora argentina do Centro Nacional para a Influenza Aviária da OMS, publicou dados confirmando a presença de diversas variedades do vírus da IA (menos patogênicas, mas com formas de transmissão muito semelhantes às do H5N1) em aves migratórias da Antártica.

Existem diversas espécies de aves que rotineira ou eventualmente chegam ao Brasil vindas da Antártica ou de regiões subantárticas, entre elas a pomba-do-cabo, a pomba-antártica, a marreca-parda, o maricão-de-sobre-branco, a gaióva-rapineira, o pinguim-de-magalhães, a garça-vaqueira etc.

Mas o risco de chegada do H5N1 ao país não se resume ao contato direto entre aves migratórias infectadas e criações de frangos. Descobertas recentes vêm aumentando a lista de espécies transmissoras do vírus e, além de diversas espécies de aves selvagens, gatos, porcos e até pequenos mamíferos poderiam servir de ponte para levar o vírus de uma ave “morta na praia” a uma criação de frangos no interior. O risco do contágio indireto tem recebido atenção especial em todos os grandes planos mundiais de prevenção e combate ao H5N1 (OMS, FAO, USDA).

Tentativas anteriores de prever o avanço, ou não, da doença tiveram pouco êxito. Apenas neste ano, em mais de 30 países onde, até então, não “havia sequer sombra de contaminação” foram detectados focos do H5N1. Conforme o Departamento do Interior dos EUA (área livre do H5N1) um plano nacional de detecção prévia de IA em aves migratórias não é apenas prudente, é necessário!

João F.C.A. Meyer (Joni),
em nome do grupo do Plano de Ação Emergencial Monitoramento Extra-Territorial da Influenza Aviária

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge

Vice-reitor Fernando Ferreira Costa

Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib

Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira

Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars

Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca

JORNAL DA UNICAMP

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. **Fax** (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/impressa>. **E-mail** impressa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Eustáquio Gomes. **Assessor Chefe** Clayton Levy. **Editores** Álvaro Kassab e Luiz Sugimoto. **Redatores** Carmo Gallo Netto, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Andre Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Júnior. **Impressão** Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3232-2210. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assinaju